



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS

LETÍCIA FRANÇOIS

DOCUMENTÁRIO
ARTISTAS INDEPENDENTES DE BRASÍLIA

BRASÍLIA
2016

LETÍCIA FRANÇOIS

**DOCUMENTÁRIO
“ARTISTAS INDEPENDENTES DE BRASÍLIA”**

Trabalho apresentado como requisito de Bacharel ao curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professora Orientadora: Flor Lopes.

BRASÍLIA

2016

LETÍCIA FRANÇOIS

**DOCUMENTÁRIO
“ARTISTAS INDEPENDENTES DE BRASÍLIA”**

Trabalho apresentado como requisito de Bacharel ao curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professora Orientadora: Flor Lopes.

BRASÍLIA, 24 DE JULHO DE 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Professora Flor Lopes
Orientadora

Professor André Ramos
Examinador

Professora Úrsula Diesel
Examinadora

“Dedico este trabalho a todos aqueles que não têm medo de viver, principalmente os artistas que nos ensinam a ver o mundo com olhos diferentes. “

Letícia França

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha avó Elaine, esteve sempre tão presente na minha vida me proporcionando, conversando, incentivando, acompanhando, e me ensinando a dar o meu melhor. Grande parte do que eu sou hoje é pela convivência com você, pessoa em que me espelho e tanto admiro.

Minha avó Conceição, a mulher mais guerreira que eu conheço, cuidou de mim com tanto carinho, me colocou para cima nos momentos difíceis, e me ensinou a acreditar que eu sou capaz de alcançar os meus sonhos, basta querer.

Minha mãe, por todo amor, amizade, cumplicidade e confiança. Agradeço pela liberdade de deixar eu fazer as minhas escolhas e me ensinar a ser responsável por elas, isso me incentivou a correr atrás do que eu quero com perseverança.

Meu pai, por sempre ter o cuidado de escolher os melhores colégios para me proporcionar uma educação exemplar, por toda paciência, por estar disponível para conversar em todos os momentos que eu precisei, por lidar sempre da melhor maneira com muita preocupação, carinho e amor. Os melhores conselhos sempre vieram de você.

Meu namorado também foi fundamental, me apoiando, estando ao meu lado, e fazendo meus dias mais doces. Obrigado por entender a minha ausência durante esse semestre pela dedicação ao TCC.

Aos meus companheiros de curso e de vida, Natasha Mendes, Caio Saavedra, Julia Casadei, Marcela Del Rey, Giovana Lima e Willy Araújo por serem tão maravilhosos e alto astral, além de profissionais brilhantes que me inspiram. Agradeço a Deus por ter cruzado meu caminho com o de vocês, desejo a nós todo o sucesso do mundo.

Aos meus professores por todas as contribuições acadêmicas, e em especial a Flor Lopes pela orientação, por dividir comigo sua sensibilidade pela arte e, principalmente, pela amizade e carinho durante todo o processo.

Toda a minha gratidão a vocês.

“A arte de ser louco é jamais cometer a loucura de ser um sujeito normal.”

Raul Seixas

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de curso é um documentário em vídeo arte que relata um pouco dos valores de pessoas que vivem de forma alternativa em Brasília. O documentário traz depoimentos de seis artistas independentes que tem a arte como principal fonte de renda e de vida. Eles falam como é viver da arte, discorrem em relação às vantagens e desvantagens de suas respectivas profissões artísticas, sobre a liberdade no trabalho e o prazer de viver fazendo o que amam. O registro sobre os relatos destes artistas trouxe o entendimento do universo fora do convencional em que vivem estas pessoas, que fogem do modelo de vida adotado pela maioria da população, valorizando a arte como profissão e, principalmente, os que tem o seu sustento por meio dela.

Palavras-chave: Documentário. Arte. Sociedade Alternativa. Artistas Independentes. Cultura. Contracultura. Brasília.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Tema	10
1.2. Objeto	10
1.3. Objetivo	10
1.3.1. Objetivo Geral	11
1.3.2. Objetivos Específicos	11
1.4. Justificativa	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1. Arte	13
2.2. Cultura	14
2.3. Contracultura	14
2.4. Economia Criativa	16
2.5. Documentário	17
2.6. Mídia Audiovisual	18
2.7. Redes Sociais	20
3. METODOLOGIA	22
3.1. Pesquisa	22
3.2. Entrevista	23
3.3. Roteiro e edição	23
3.4. Cronograma de Entrevistas	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE	34
ANEXO	42

1. INTRODUÇÃO

Beat é um termo usado tanto para descrever grupos de norte-americanos, principalmente escritores e poetas intelectuais – como Jack Kerouac, William S. Burroughs, Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti, Gregory Corso, Gary Snyder¹ – que vieram a se tornar conhecidos no final da década de 1950 e no começo da década de 1960, quanto ao fenômeno cultural que eles inspiraram. Também chamados de *beatniks* esses grupos procuravam criar uma alternativa para o estilo de vida rígido, conservador e dominado pela Guerra Fria da década de 1950.

Eles desafiaram a velha ordem, buscando respostas no estudo do existencialismo e das filosofias do Oriente, escrevendo poesia, ouvindo jazz e música folk, adotando uma filosofia sexual sem preconceitos e expandindo a consciência através de drogas psicoativas” (FRIEDLANDER, 2004, p. 269-270).

Inspirada nos beatniks, surge a Geração do “Paz e Amor”. Chamados de *hippies*², jovens norte-americanos, com filosofias contrárias a qualquer tipo de guerra e a favor do uso de drogas como instrumento de expansão da mente. Eram em grande parte ricos e escolarizados que repudiavam injustiças e desigualdades da sociedade americana e abdicavam do conforto de seus lares para viver em comunas rurais, onde compartilhavam tudo, desde a comida até seus companheiros.

Contestando o valor que seus pais e o seu redor como um todo acreditavam, os jovens revolucionários marcaram as décadas de 50 a 70, abandonando tudo o que era considerado civilizado: conforto, lar, segurança, para buscar outros valores e padrões de comportamento. Eram jovens que se conheceram dentro e fora da universidade, que desejavam mostrar sua insatisfação com a sociedade tecnocrata consumista, levando a tona propostas alternativas de vida.

Foi da imensa vontade de mudar o mundo e da forma diferenciada de pensar desses jovens, que se construiu a ‘Sociedade Alternativa’, uma sociedade de valores

¹ Principais representantes dos beatniks.

² *Hippie*, adj. e s. 2. gên. (ingl.) Diz-se de, ou o indivíduo rebelado contra as normas sociais, econômicas e políticas vigentes, inclusive nas roupas e aparência pessoal (AMORA, 1917, p. 352).

voltados para arte, liberdade, revolução, desapego, paz, amor, natureza, igualdade, luta, sonhos e cooperação.

Essa sociedade tinha uma maneira solidária de viver e relacionava-se bem com a maioria dos demais grupos culturais existentes. Faziam questão de levar ao povo sua visão e opinião sobre questões políticas e sociais que aconteciam na época.

Os ideais de uma sociedade alternativa se deparam com um grande obstáculo: o Brasil em regime de exceção, ou seja, vivia na época sob uma Ditadura Militar. Os brasileiros viviam a euforia do tricampeonato mundial de futebol. Os militares administravam o milagre econômico, inaugurando obras faraônicas, como a Transamazônica e a ponte Rio Niterói. A mídia trabalhava de tal forma a melhorar a imagem do governo, que estes acontecimentos abafavam os ânimos daqueles que ansiavam por mudanças e disfarçavam a repressão. A ditadura submetia a produção e o consumo de arte à rigorosa censura. Assim, qualquer arte de protesto que agredisse o sistema redundava em prisão ou até mesmo em exílio do artista. (SOARES, 2009, p. 17)

Hoje em dia, no Brasil, uma grande parte da sociedade alternativa é composta por artistas independentes que adotam a arte como uma profissão, e não se preocupam em seguir os padrões de ter um emprego fixo. Para esses artistas, viver da arte é viver aquilo que nos ensina a entrar em contato com a nossa essência. Eles gostam de viajar o mundo, conhecer pessoas, lugares, culturas, e acreditam que a única forma de se proporcionar tal liberdade é fugindo da linha convencional que o sistema nos impõe.

Um dos grupos de artistas em estudo neste projeto são os artesãos de estrada, também conhecidos como “Malucos de Estrada”, e vistos pela sociedade como Híppies ou Micróbios, que a partir de seu talento transformam em arte matérias (penas, arames, dentes de animais mortos, linhas, pedras...) que para muitas pessoas seria chamado de lixo. São pessoas que colocam sua mochila nas costas e mantêm o pé na estrada a fim de viver da vida o seu máximo, mesmo que para isso seja preciso viver com o mínimo.

“Nós somos o princípio da humanidade, somos legítimos. Viemos muito antes do processo da procriação da indústria. Tudo que existia era feito a mão.” (Malucos de Estrada II – Cultura de BR, 2015).

Além dos *Malucos de Estrada*, também foram objeto de estudo deste projeto, artistas circenses, grafiteiros, e jovens fotógrafos afim de retratar um pouco mais

sobre a arte independente nas ruas e fora delas, além de retratar a busca de uma vida alternativa destes grupos, considerados transgressores por serem diferentes do que a sociedade visa.

A filosofia dessas pessoas é coisa rara de ser ver em um meio onde regras e padrões sociais pré-estabelecidos dominam, reprimem e são impostos às pessoas. São pessoas livres, cultivadores do prazer de viver ao máximo e serem felizes. Prezam muito pela simplicidade, coragem, solidariedade, amor ao próximo, fé em si mesmo, e são orgulhosos por terem o mundo no coração e nas experiências de vida, e não apenas em coisas materiais. “Viva a Sociedade Alternativa [...] todo homem tem o direito de viver pela sua própria lei. Da maneira que ele quer viver.”³ (SEIXAS, 1987)

O que os jovens artistas da sociedade alternativa de Brasília têm para mostrar para todos nós é que há uma outra ideologia de vida além das paredes do sistema em que vivemos. Essa cultura busca, sobretudo, uma luta para defender o direito de se poder viver numa sociedade democrática que conviva com as diferentes visões, interesses e saberes, potencializando ao máximo o bem-estar coletivo e o amor.

Física e mentalmente, cada um de nós é exclusivo. Qualquer cultura que, no interesse da eficácia ou em nome de qualquer dogma político ou religioso, procura padronizar o indivíduo humano, comete um ultraje contra a natureza biológica do homem. (HUXLEY, 1998, p. 23.)

1.1. Tema

Artistas independentes de Brasília e o valor da arte em suas vidas.

1.2. Objeto

Projeto experimental – Documentário que retrate os valores de artistas independentes de Brasília que utilizam a arte como principal meio de subsistência.

1.3. Objetivos

³ Trecho da música de autoria de Raul Seixas. A Lei. LP A Pedra do Gênesis, 1987.

1.3.1. Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo contar a história, as crenças, e o modo de viver de artistas de Brasília (artesãos, circenses, grafiteiros, artistas de rua, fotógrafos etc.) que trabalham de forma autônoma e fazem da sua própria arte uma forma de subsistência, produzir um documentário que retrate o perfil da cultura alternativa por intermédio de pesquisa de campo, filmes, livros, internet e entrevistas.

1.3.2. Objetivos Específicos

- Selecionar e entrevistar artistas independentes de Brasília.
- Mostrar como esses artistas levam a vida e se sustentam através do trabalho autônomo.
- Entender o significado de contracultura.
- Expor a história dos jovens revolucionários que lutaram em uma contracultura para a criação da Sociedade Alternativa, e sua influência no modo de pensar da sociedade.
- Explicar o conceito e definição de um documentário.
- Entender as etapas da produção de um vídeo, além de técnicas de filmagem (enquadramento, plano, cena, sequência) e edição (montagem, efeitos sonoros e visuais) para a produção de um documentário.
- Explicar as vantagens e dificuldades de viver fora do que os padrões sociais pré-estabelecidos ditam.
- Explicar sobre espaços urbanos alternativos que são usados para abrigar a arte independente de tais artistas.
- Falar sobre a importância da internet e das redes sociais na vida dos artistas.

1.4. Justificativa

A escolha do tema “Artistas Independentes de Brasília” partiu do meu interesse em conhecer e aprofundar meus conhecimentos no modo de vida de

artistas que, em tempos onde padrões são ditados, arriscaram viver de forma alternativa, trabalhando com o que gostam e que lhes faz bem, a arte.

Em 2015 optei pelo Circo como atividade física, onde além de trabalhar a auto-confiança, exploramos tanto o universo artístico e social, quanto a consciência corporal e mental. Foi então que comecei a enxergar valores que não eram notados antes, não só na arte e nos artistas em si, mas nos seres humanos em geral.

Resolvi então documentar os artistas independentes de Brasília, afim de expor a coragem dessas pessoas por escolherem a alternativa de viver fora dos padrões, mostrando a importância da arte no desenvolvimento do caráter e no modo de enxergar a vida dessas pessoas que muitas vezes passam despercebidas diante dos julgamentos das pessoas que não se sensibilizam com a beleza dessa forma de vida.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Arte

A função que a arte tem na sociedade é a principal característica para as relações sociais e, conseqüentemente, o que ela reflete no mundo. Assim essa função tem como objetivo o aprendizado em arte nas relações entre as pessoas. Com isso a reflexão do mundo se faz importante, pois as nossas atitudes são interferidas nele. (GOMES; NECKEL, 2008)

A arte é um processo de novos conhecimentos, comunicação e de criatividade, redefinindo seu significado e, conseqüentemente, ligando-o à vida social. (CEVASCO, 2001, apud SANCHES, 2011, p.71)

Segundo Hunter (2013), Arte de rua é um fenômeno mundial, que é a comunicação do homem com a natureza no ambiente urbano, e desafia as interpretações e percepções da sociedade atual. A arte de rua está sempre sofrendo mudanças, para uma interação com as pessoas, sempre inovando com a imaginação dos artistas e com novos materiais. A arte está em tudo, tanto na expressão das pessoas quanto em suas obras de arte espalhadas pela cidade.

De acordo com Sanches (2011), o papel da arte e da cultura, tendo como base a arte de rua, não apresenta a pretensão de esgotar a questão, mas de nos colocar diante da importância dessas práticas como formas de expressão daquilo que é político e arte ao mesmo tempo, daquilo que é bonitinho e ordinário. Por isso, trata-se de temas relevantes para a compreensão das sensibilidades latentes em nossa sociedade.

Rua é interpretada em duas partes, a primeira é caracterizada pela expressão, a polissemia, a diferença cultural e a diversidade. E também é vista como divulgação da arte pública, nos espaços destinados, arte da rua e na rua. Cada artista é marcado histórica, ideológica e socialmente, e assume uma posição em seu contexto social, lançando mão das funções próprias da arte. (GOMES; NECKEL, 2008, p.51).

2.2. Cultura

Cultura: Desenvolvimento intelectual. Civilização. Sistema de idéias, conhecimentos técnicos e artefato, de padrões de comportamento e atitudes que caracterizam uma sociedade. (MICHAELIS, 2000, p. 166)

Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social, de acordo com Bosi (1992).

Já para Tylor (2006) cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

Segundo Silva (2006), é por meio da herança cultural que os indivíduos podem se comunicar uns com os outros, não apenas por meio da linguagem, mas também por formas de comportamento. Logo, a nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. (LARAIA, 2003, p.67)

De acordo com Laraia (2003), existem dois tipos de mudança cultural: a primeira é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e a segunda é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro. Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos.

2.3. Contracultura

A Contracultura era um movimento político-cultural de caráter libertário que surgiu do confronto entre a cultura e a visão juvenil, indo contra alguns valores morais da cultura ocidental, que padronizados denotam o controle social

institucionalizado e totalitário, tais como: maneira de pensar, comportamento sexual e social. A liberdade que a contracultura pregava era antes de tudo individual e livre de qualquer preconceito. Não seguir um modelo de vida social imposto. O lema era se vestir, comer, fazer sexo, usar drogas, pensar e agir da maneira em que cada um se sentisse à vontade e sem prejudicar o próximo. Sem guerra, sem armas, sem proibições e repressões dos extintos naturais de cada um, sem regras impostas, sem condutas modeladas, sem repressão física ou moral. (SILVA, 2013)

Segundo Cortés (2008) a contracultura é um conceito essencial para entendermos toda uma geração que viveu na década de 1960 e que era descontente com a sociedade tal como era imposta. Portanto, entendemos que, através da contracultura os jovens tiveram a oportunidade de se expressarem de forma livre. Esta cultura juvenil foi importante para que a juventude obtivesse visibilidade em uma sociedade adulta e desta forma, tentar criar um modelo novo de sociedade.

Muitos eram os movimentos de contracultura que aconteciam nos Estados Unidos segundo Feijó (2011), os principais eventos foram O Verão do Amor na Califórnia em 1967, em que pouco mais de 20 mil pessoas, identificadas como “hippies”, comemoraram o início da Era de Aquário, e o Festival de Woodstock no Estado de Nova York, em que mais de meio milhão de jovens se dedicaram a três dias de paz, amor e música, em um ato político-cultural contra o envolvimento dos EUA na guerra do Vietnã e a favor da liberdade total. Para Alves (2002) este movimento, e principalmente os seus festivais, foi visto como um ato de libertinagem, por parte dos conservadores, onde os jovens abusavam do sexo e das drogas.

Para milhões de jovens naquela década, a saída vislumbrada foi a busca de um mundo alternativo. Da recusa da cultura dominante e da crítica ao establishment ou “sistema” (como então se dizia), nasceram novos significados: um novo modo de pensar, de encarar o mundo, de se relacionar com as outras pessoas. Da recusa surgia, na verdade, uma revolta cultural que contestou a cultura ocidental em seu âmago: a racionalidade. (PAES, 1997, p. 22)

A contracultura, que nasceu nos Estados Unidos, chegou no Brasil com alguns anos de atraso em relação aos países desenvolvidos. Foi no período da ditadura, nos anos de 1960 e parte de 1970 que a contracultura se misturou com os movimentos culturais brasileiros. Entre suas características estavam a crítica contestadora e impulsionadora de ações que dão força aos ideais da juventude.

A Jovem Guarda e o Tropicalismo ou Tropicália foram movimentos de contracultura que nasceram no Brasil após a difusão dos ideais dos movimentos de contracultura norte-americanos. De acordo com Carmo (2001) a Jovem Guarda era a versão nacional da energia rebelde do rock'n'roll, ritmo que estava invadindo o mundo inteiro.

Por possuir ligação com a cultura popular brasileira, e ao mesmo tempo com os mesmo ideais da contracultura, a Tropicália nos chama atenção pois, diferentemente da Jovem Guarda, não tenta se tornar cópia do que era produzido de arte no exterior, mas sim produzi-la baseando-se na cultura popular do Brasil e mesclando, interligando com o que era produzido fora do país, segundo Paes (1997).

2.4. Economia Criativa

O significado de economia criativa surgiu do termo “indústrias criativas”, que foi primeiramente usado no discurso “Creative Nation” (Nação Criativa), proferido pelo Primeiro-Ministro da Austrália, em 1994. A economia criativa provém de um modelo de negócio e gestão que se originam da imaginação, criatividade, conhecimento, habilidade e talentos individuais de indivíduos, que têm um potencial para gerar emprego por meio da propriedade intelectual e cultural.

A economia criativa é um dos setores mais dinâmicos e com maior potencial para geração de emprego e renda no século XXI. Segmentos como música, moda, editoração, arquitetura, expressões culturais, artes visuais, audiovisual, design e digital, estão diretamente ligados a economia criativa, e todos eles com presença marcante nos pequenos negócios. (BARRETTO, 2012)

Em geral, as indústrias criativas enriquecem a vida das pessoas na medida em que definem as características distintivas de diferentes sociedades, bem como oferecem os meios através dos quais as culturas e as comunidades se comunicam entre eles; geram prazer, cor e interpretação, tornam a vida mais fácil e, de uma maneira muito ampla, são uma expressão da elevação de nosso padrão de vida. (NEWBIGIN, 2010, p.17)

2.5. Documentário

O documentário surgiu da característica original do cinema de registrar os acontecimentos cotidianos das pessoas e animais. As primeiras evidências históricas, enquanto gênero cinematográfico, surgiram com o norte americano Robert Flaherty, o qual acompanhou a vida dos esquimós do norte do Canadá de 1912 a 1919 e lançou o filme *Nanouk, o esquimó*, em 1922. Logo, documentário é um gênero cinematográfico que tem, entre suas características, a aproximação com a “realidade”, ou um distanciamento da narrativa de ficção.

Nichols (2005) caracteriza os documentários como “documentários de representação social”, e os filmes de ficção como “documentário de satisfação de desejos”. Nos filmes de representação social, é retratada uma verdade sob a perspectiva do cineasta. São expostas novas visões do que entendemos como mundo real. Já no caso do documentário de satisfação de desejos, são explorados novos e imaginários mundos.

Ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2007, p. 47)

Segundo Nichols (2005), o grande atrativo do documentário é a maneira de unir emoção e prova, pois espera-se mais do que diversos documentos, espera-se, com confiança e autenticidade, alcançar a compreensão do mundo ao nosso redor.

Para Nichols (2005) no vídeo e no filme documentário, podemos identificar modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Porém, ele explica que um filme não precisa se identificar totalmente com apenas um dos modos.

Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. (NICHOLS, 2007, p. 136)

De acordo com Colaço (2010), a abordagem do documentário deve ser importante para a sociedade, e além disso, conter o estilo do autor abordando assuntos paralelos e pouco abordados normalmente.

O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e a história social. (NICHOLS, 2007 p.27).

2.6. Mídia Audiovisual

O audiovisual é todo meio de comunicação em que há a utilização conjunta de elementos visuais e sonoros, tudo aquilo que poder ser visto e ouvido ao mesmo tempo. Essa junção de som e imagem podem ser exploradas de diversas maneiras através de artifícios como o preto e branco, o slow motion, trilhas sonoras, o silêncio, os ruídos, e diversas outras técnicas que enriquecem a obra e possibilitam diferentes estímulos e reflexões ao espectador. Os produtos audiovisuais são construídos por um conjunto de pessoas, e cada uma delas transmite na mensagem a sua maneira de entender o mundo, seus valores, suas convicções e suas crenças.

No vocabulário adequado à “Teoria da Informação e da Comunicação”, o audiovisual pode ser definido como sendo um processo de comunicação no qual mensagens múltiplas, devidamente codificadas, são transmitidas com a utilização concomitante de dois canais distintos, a imagem e o som, cada um deles podendo abrigar diferentes códigos. (MELLO, 1980, p. 10).

De acordo com Bauer e Gaskell (2002) a imagem com ou sem som mostra um registro importante das ações atuais e referentes ao tempo, sendo elas materiais ou concretas. Isto se dá tanto para fotografias ou imagens em movimentos. Projetada para ser percebida pelos olhos e pelos ouvidos, o audiovisual possibilita o envolvimento de quem a assiste, onde o espectador não necessita recriar uma realidade imaginada. Este envolvimento se desenvolve em paralelo com a sensorialidade que a mídia audiovisual proporciona. Nesse sentido, o movimento é um elemento essencial da mídia audiovisual. Situado no tempo e sendo visualizável no espaço, o movimento vincula o espaço e o tempo, é devido a ele que a fusão do som com a imagem torna-se perfeita.

A mídia audiovisual contagia o público com sua linguagem afetiva, muitas vezes levando a intensas emoções, o que dificulta a reflexão racional sobre aquilo

que se está assistindo. De forma intencional ou não, por meio do audiovisual vemos a realidade pelo olhar de outros, fazendo com que sejamos conduzidos a idéias e visões de mundo previamente elaboradas e que podem ser tecnicamente construídas para manipular as pessoas.

Dentre as mídias audiovisuais destacam-se o cinema, a televisão, o documentário, a videoarte, a animação, os vídeos publicitários, o videoclipe, o videogame, o making of, as transmissões ao vivo, os vídeos feitos para exibição na internet, etc. Tais elementos audiovisuais estão presentes fortemente no cotidiano da maioria da população.

Vivemos em um tempo no qual, praticamente, todas as pessoas são “alfabetizadas” audiovisualmente. Vivemos imersos em um mundo de imagens, sobretudo os habitantes das cidades. A linguagem audiovisual nos é familiar, corriqueira, comum. (COUTINHO, 2006, p. 20)

Com o surgimento e a evolução da internet o consumo de vídeos aumenta a cada dia, bem como o conteúdo consumido por estes, pois os consumidores estão cada vez mais conectados, e não apenas em seus computadores de casa ou do trabalho, mas em seus celulares, smartphones e tablets.

O vídeo é a sua marca em movimento e som. É uma ferramenta que vem mudando o cenário do entretenimento, da música e da comunicação. Apenas 20 segundos de vídeo podem trazer informações, emoções e experiências que usaríamos muitas palavras para poder explicar.

Segundo Fonseca (1998) o gênero audiovisual é um meio de desenvolvimento pessoal e entre grupos por estimular a imaginação, a atenção, o raciocínio e a memória. Também é importante para o conhecimento porque muitos elementos de linguagem fazem parte de sua composição o que facilita o entendimento.

A importância do vídeo para a disseminação de informação e o seu grande poder de circulação é indiscutível, ele atinge todos os públicos e vem conquistando cada vez mais o mercado. Levando em consideração o estilo de vida agitada e corrida que a maioria da população vive atualmente, fica difícil contar com o tempo das pessoas para ler sobre o conceito, a história e a diversidade do serviço que sua marca oferece, já o material audiovisual pode passar tudo isso em um curto tempo e utilizar uma comunicação específica para envolver o público com a causa. Tanto

empresas privadas quanto governamentais vêm notando a importância de uma campanha audiovisual para chamar a atenção do público.

Quando bem feito, um produto audiovisual gera um efeito maior no público. As pessoas se identificam, assistem e divulgam os vídeos baseados no seu conteúdo. É importante dar ao telespectador a oportunidade de ver como as suas informações são úteis, para que a publicidade tenha o efeito almejado. Um vídeo com qualidade e bem planejado é como uma pessoa contando uma história, daquelas que a gente tem o prazer de escutar.

2.7. Redes Sociais

Na geração digital, a tecnologia atinge todos os segmentos na vida de uma pessoa: profissional, afetivo, familiar e pessoal. As pessoas estão interligadas em rede, colaborando na troca de informação. (TELLES, 2009, p. 23)

Com o avanço da tecnologia, a comunicação deixou de ser monopolizada pelas grandes emissoras e tornou-se mais livre e democrática. A força que os vídeos têm ganhado no mercado da comunicação aliada com a popularização das redes sociais, como por exemplo, o YouTube que permite ter um próprio canal para divulgar o conteúdo que deseja, possibilitam maior eficiência e abrangência dos produtos audiovisuais, estimulando a criação e divulgação dos mesmos. As empresas e os novos empreendedores precisam se adequar a esta nova realidade, adaptando as suas campanhas para uma nova cultura digital, atingindo assim um maior número de pessoas.

De acordo com Pinho (2000), a rede não tem dono, cada um é responsável pelo que é transmitido por ela, não há padrões e normas específicas criadas por uma autoridade, a sociedade é responsável pela divulgação ou não de alguma informação, os usuários criam suas próprias regras.

A internet e as mídias sociais modificaram toda uma sociedade. Câmeras fotográficas deixaram de ser de uso exclusivo de profissionais, estando presentes, inclusive, em celulares. Pessoas podem registrar e compartilhar momentos em tempo real disseminando a informação rapidamente. Essa facilidade de acesso que a internet possibilita desfez as fronteiras entre cidades, países e continentes, tornando possível o encontro online de pessoas de todos os lugares. Através das redes sociais, qualquer conteúdo pode tomar proporções globais e pessoas com os

mesmos interesses podem se conectar, gerando assim, novas oportunidades para inspirar e divulgar o seu trabalho, seja ele qual for.

Os sites de redes sociais podem ser definidos como “[...] aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma pessoa através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator” (RECUERO, 2009, p. 102). Para Raquel Recuero (2009), as redes sociais são um meio de comunicação entre as pessoas intermediadas pelo computador.

3. METODOLOGIA

As etapas para a realização do trabalho de conclusão do curso abrangem a pesquisa inicial sobre o tema, locais propícios, e pessoas, a pesquisa bibliográfica, seleção de entrevistas e o procedimento de roteiro e edição final do documentário.

3.1. Pesquisa

Marconi e Lakatos (2002) dizem que o problema a se determinar, analisar, examinar e avaliar é o primeiro passo para uma pesquisa bem concluída. Pesquisar é encontrar respostas para as perguntas definidas empregando métodos científicos.

Para Marconi e Lakatos (2002) determinar o que pretende investigar é difícil. A realização da pesquisa é mais difícil ainda, porque demanda do pesquisador um esforço contínuo, onde paciência, persistência e dedicação são essenciais para um trabalho bem feito.

A metodologia escolhida para o presente projeto foi a pesquisa bibliográfica, muito utilizada para realizar um estudo preliminar do principal objetivo da pesquisa, ou seja, familiarizar-se com o que está sendo estudado, de modo que posteriormente o trabalho possa ser escrito com uma maior compreensão e precisão sobre o assunto.

Primeiramente, as atividades cumpridas nesse trabalho envolveram pesquisa e leitura sobre o audiovisual, desenvolvimento de técnicas e conhecimentos para a realização de um documentário.

A pesquisa foi feita a partir de livros, filmes (incluindo vídeos e documentários em geral), publicações na internet, depoimentos, entrevistas, leis e manuais que abordem técnicas e conceitos para a produção de um documentário, assim como que abordem informações a respeito do tema que será tratado no documentário como sociedade e cultura alternativa, arte de rua, sobrevivência através da arte, espaços urbanos alternativos, arte independente, economia criativa, entre outros.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações e fita magnética ou audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato

direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI, LAKATOS, 2002 p.71)

3.2. Entrevista

Outro método indispensável para a realização do projeto foi a técnica de entrevistas e conversas com as pessoas de tal cultura para que fosse possível uma inserção prática do estudo na vida e no modo de pensar e agir dos artistas em questão.

Segundo Lage (2001), a entrevista nada mais é que uma conversa com algum personagem que tenha conhecimentos sobre assuntos específicos no qual faça parte, ou tenha alguma influência ou crítica para compartilhar. “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão de consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos.” (LAGE, 2001, p. 73). No entanto, a entrevista é, acima de tudo, uma forma de coleta de informações e interpretações.

“A entrevista deve ter começo, meio e fim. Planeje o tempo disponível, informe-se sobre o que vai perguntar. A falta de preparo pode dar ao entrevistado a chance de transformar a entrevista em palanque, púlpito ou algo semelhante.” (BARBEIRO, 2002, p. 84)

Antes de cada entrevista, foi apresentado aos entrevistados tópicos sobre os quais seriam falados, para que assim, eles pudessem se preparar. Optei por não fazer muitas perguntas diretas, para que o desenrolar das entrevistas aparentasse mais natural como um bate-papo sobre os tópicos abordados, usando algumas perguntas durante a conversa apenas para guiar o assunto.

3.3. Roteiro e edição

As idéias de um documentário só começaram a ganhar corpo quando foram colocadas no papel, por isso após toda a pesquisa e entrevistas realizadas sobre o assunto é importante produzir um roteiro especificando e elaborando com cuidado o projeto do filme.

Roteiro é um planejamento prévio de sequências de cenas, onde existem especificações de imagens, sons e legendas. Normalmente, em filmes de ficção, o roteiro é feito no início da produção, fazendo com que todas as cenas sejam previstas antes das filmagens. Já em um roteiro de documentário, como se trata de uma história real sem ensaios e atuações, não se pode prever o que vai acontecer no filme, e então o roteiro é elaborado com base na organização do filme, e não nos diálogos e narrações. “Um roteirista é um arquiteto de filmes” (HAMPE, 1997, p.1).

O papel do roteirista no documentário é organizar as informações da produção e estruturar as cenas na melhor sequência possível para que sejam editadas de forma que façam sentido e não fiquem confusas ou monótonas. É importante que o roteirista esteja presente desde o início do processo para ter total compreensão sobre a disposição dos acontecimentos.

De acordo com Hampe (1997) uma imagem vale mais do que mil palavras, e mostrar um problema é melhor do que falar sobre ele. Para um documentário ser bem sucedido é preciso ser bem estruturado, e um bom roteiro e edição é mais importante que a filmagem e a atuação dos personagens. A necessidade estrutural da edição de um documentário é manter os espectadores interessados do começo ao fim.

O roteirista faz o mesmo tipo de pesquisa para um documentário, que um escritor teria que fazer para um artigo em uma revista. Visitar as locações, falar com as pessoas, obter os fatos – o quem, o que, o quando, o onde, o porquê e o como de cada evento a ser documentado. Deve conseguir, também, algumas informações básicas, como uma lista de pontos históricos, uma lista pessoas a serem filmadas, de lugares, e de eventos que devem ser filmados. (HAMPE, 1997, p. 1).

Mapear e fazer um cuidadoso estudo dos locais de filmagem pode ser útil para prevenir possíveis imprevistos ou problemas técnicos relacionados à iluminação e captação de som, além de fazer com que o documentarista se familiarize mais com o universo abordado. (PUCCINI, 2009, p. 183)

Hampe (1997) diz que o roteiro envolve as três fases de um documentário: início, meio e fim. Todas as ações e falas que necessitam ter nos determinados locais e momentos são escritas em cenas. Em todo momento em que se modifica o tempo ou espaço da ação, se inicia uma cena nova.

A forma escolhida para apresentar os resultados da pesquisa foi através de um documentário, onde a narrativa foi criada através dos depoimentos dos artistas. De acordo com o autor Hampe (1997) como a forma de documentário escolhida foi espontânea, não é necessário um “script”, no sentido de um roteiro tradicional, porque não se sabe o que vai acontecer na hora da filmagem, com isso a ênfase se dá pela visualização e também na organização do documentário.

3.4. Cronograma de Entrevistas

O documentário foi filmado na cidade de Brasília, durante o primeiro semestre de 2016 e conta com a participação de 6 artistas, o produtor musical e vocalista da banda Rupestre, Vitor Godoy (28), o grafiteiro e artista plástico Daniel Toys (26), o fotógrafo de nu artístico Fabio Setti (22), a acrobata circence Isabela Levi (30), o vocalista do Surf Sessions, Felipe Bittencourt (26), e o artesão André Baltar (34).

As perguntas que guiaram a conversa com os artistas foram as seguintes:

- Me conta quem é você e como chegou até a arte.
- O que a arte representa na sua vida?
- A arte é o seu principal meio de subsistência?
- Quais são as vantagens e desvantagens?
- Como sua família reagiu a sua opção profissional?
- Faz por prazer ou por dinheiro?
- Você se considera um artista independente?
- Qual a importância da internet para o seu trabalho?
- Você se sente realizado profissionalmente?
- Dê um conselho para as pessoas que vão assistir esse documentário que você gostaria de ter recebido no começo da sua carreira.

A) Dia 16 de maio (segunda-feira): Entrevista com o produtor musical e vocalista da banda Rupestre, Vitor Godoy (28), às 15h no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

B) Dia 17 de maio (terça-feira): Entrevista com o fotógrafo Fabio Setti (22), às 9h na Igrejinha Nossa Senhora de Fátima – 307/308 Sul, e com o grafiteiro e artista plástico Daniel Toys (26), às 12h no Café Objeto Encontrado – 102 Norte.

C) Dia 19 de maio (quinta-feira): Entrevista com André Baltar (34), às 14h na Universidade de Brasília – UnB.

D) Dia 23 de maio (segunda-feira): Entrevista com Isabela Levi (30), às 16h no Espaço Cultural Renato Russo – 508 Sul.

E) Dia 24 de maio (terça-feira): Entrevista com Felipe Bittencourt (26), às 15h na casa dele – Lago Sul.

3.5. Diário de Bordo

Março comecei os encontros com a professora Flor. As orientações foram muito produtivas, a professora se mostrou empolgada com o meu projeto e isso fez com que eu ganhasse bastante incentivo para dar continuidade ao meu projeto.

Abril foi um mês de muita leitura e pesquisa sobre assuntos relacionados ao tema do meu projeto para obter conteúdo e referências na parte teórica do trabalho, e conseqüentemente ajudar na prática. Nos encontros com a professora Flor debatemos principalmente sobre ajustes e complementação do trabalho teórico, e também começamos a projetar a idéia de como seria o documentário e quais artistas participariam dele.

Maio após ter em mente todos os artistas que eu gostaria que participassem do projeto, entrei em contato com cada um por meio do Facebook para explicar sobre o projeto, saber se aceitavam e dar início às entrevistas.

16 de Maio aconteceu a primeira entrevista do projeto, com o músico Vitor Godoy, produtor musical e vocalista da banda Rupestre. Ao explicar a idéia do trabalho previamente por meio do Facebook, Vitor adorou e aceitou participar. Marcamos nossa entrevista para o dia 16 de maio às 15h no parque Olhos D'Água, mas infelizmente tivemos que mudar o lugar por conta do tempo ruim que estava no dia, pois havia chovido bastante e resolvemos não correr o risco de molhar os equipamentos. Entre todos os contra-tempos decidimos fazer no Bloco 12 do UniCEUB. Após toda a conversa, Vitor resolveu mostrar um dos seus talentos fazendo uma poesia improvisada sobre o tema que havia sido tratado. A entrevista

foi muito agradável, ele se mostrou bem interessado pelo projeto e grato por estar participando.

17 de Maio fiz entrevista com 2 artistas, primeiro com o fotógrafo Fábio Setti, e depois com o grafiteiro e artista plástico Daniel Toys. O contato e disponibilidade com Fábio foi fácil porque eu já o conhecia, então ele aceitou na hora e avisou que era só escolher o dia e o horário da entrevista que ele me encontraria. Sendo assim, marquei às 9h na Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, na 307/308 Sul, porque além de ficar perto da casa do entrevistado, tem a parede interessante para usar como cenário. A conversa com Fábio foi ótima e me emocionou bastante porque sou amiga dele desde quando entrei na faculdade e ver o tanto que ele cresceu profissionalmente e a pessoa com pensamentos tão inspiradores que ele se tornou me deixou muito feliz. Ao contrário de Fábio, o contato com Daniel, feito por telefone, foi o mais difícil em questão de disponibilidade. Acredito que por ser muito compromissado e estar na época da sua exposição ÍCONES, ficou difícil conseguir um tempo na agenda dele. Mesmo diante de todos os trabalhos que Daniel tinha, ele foi muito gentil e depois de várias tentativas conseguimos um tempinho para nos encontrar no Café Objeto Encontrado, na 102 Norte, ambiente descontraído que contava com um de seus grafites para servir como cenário para a nossa entrevista. A conversa com Toys foi rápida, porém muito produtiva, compartilhamos experiências, e algo muito interessante que ele me contou que foi que no TCC da sua graduação em Publicidade e Propaganda, ele fez a resignificação da sua própria marca 'Toys', e a partir disso seus grafites ganharam identidade e ficaram mais conhecidos. Ao final da entrevista, Daniel me presenteou com adesivos super legais com suas artes e uma revista da exposição.

19 de Maio aconteceu meu encontro com o artesão André Baltar, que foi indicado pelo Vitor Godoy. André expõe seus trabalhos todos os dias à tarde na porta do ICC Sul da UnB, então fui ao encontro dele. Chegando na UnB, encontrei André, ele estava com sua namorada e um amigo vendendo seus brincos, colares e pulseiras, então expliquei a eles como seria o projeto e falei que adoraria que ele pudesse participar falando sobre sua arte. Felizmente André adorou a idéia e fez questão de participar. Começamos então a entrevista, onde ele demonstrou que é possível viver bem mesmo sem tanto conforto e vaidades. Foi muito gratificante o bate-papo com o

artesão, e me fez perceber que a felicidade está no modo como enxergamos a vida diante de todas as adversidades.

23 de Maio foi o dia de entrevistar a acrobata circense Isabela Levi, mais conhecida como Belinha. O contato com ela foi feito diretamente, pois ela é minha professora de circo, então em uma das aulas a convidei para participar do documentário, e ela aceitou com muito entusiasmo, então marcamos para o dia 23 no Espaço Cultural Renato Russo, que é onde Belinha treina. Cheguei na 508 Sul às 15h, como havíamos combinado, porém levei um chá de cadeira pois Isabela me ligou assim que eu havia chegado avisando que teve um imprevisto na escola de sua filha e atrasou 1h30, chegando no Espaço Renato Russo só às 16h30. Tirando esses contratemplos, a entrevista foi maravilhosa. Conversa vai, conversa vem, falamos sobre a atual situação de crise do país e chegamos a conclusão que o primeiro corte de gastos da maioria da população é com cultura e entretenimento, prejudicando bastante a vida da maioria dos artistas.

24 de Maio aconteceu a última entrevista para o projeto. O entrevistado do dia foi o músico Felipe Bittencourt, integrante da banda Surf Sessions, muito conhecida entre os jovens de Brasília. O contato com Felipe foi feito através do Facebook e WhatsApp. Ao contar toda a ideia do trabalho, Felipe aceitou participar, e disponibilizou para nosso encontro o estúdio de gravação da banda, que fica em sua casa. Chegando na casa de Felipe, ele foi muito receptivo e simpático, conversamos bastante e foi ótimo conhecer melhor sobre a história de uma banda que eu gosto muito. O papo foi rápido pois tínhamos pouco tempo. Marcamos para 15h a entrevista e às 16h ele tinha reunião com a banda. Após a entrevista fizemos algumas imagens do estúdio onde são feitas a maioria das músicas e ensaios. Felipe me presenteou com um kit da Surf Sessions, uma bolsa sustentável estilizada com a identidade visual da banda, contendo CD, DVD e adesivos.

Fiquei muito feliz com o resultado das gravações, que foram feitas junto a equipe de câmera que o UniCEUB oferece aos alunos. Finalizadas as gravações, era hora de começar a parte mais trabalhosa e importante para o sucesso de um documentário: a edição. Fiz toda a edição do Documentário Artistas Independentes de Brasília no programa Adobe Premiere.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse documentário foi criado com a intenção de contribuir para o reconhecimento de todos os espectadores a respeito dos artistas independentes de Brasília e dos seus valores, retratando através de muita pesquisa, observação e conversa, alguns elementos que mostram o papel da arte na vida de cada um dos sujeitos que assumem um modo de vida alternativo e fora do convencional.

A fim de conscientizar as pessoas sobre a importância da arte e do artista no desenvolvimento de uma sociedade, foi descoberto muito além do que era esperado.

Mesmo sem um emprego fixo com todas as garantias que são oferecidas para que seja possível usufruir de uma vida estruturada, as pessoas que vivem de arte conseguem levar a vida de uma maneira muito leve, não focando apenas em dinheiro e ganhos materiais, e sim em experiências que alimentam o seu ser. Eles vêem essa maneira de viver como um jeito de mudar o mundo, e acreditam que o segredo da vida é ter a liberdade de conseguir trabalhar com o que te faz bem.

Além de todos os lados positivos descobertos no decorrer do projeto, foi constatado também, que o incentivo para cultura no Brasil é muito pouco, e que temos vários artistas com grandes potenciais que acabam desistindo de seguir em frente por não terem seus trabalhos valorizados como deveria, e por conta disso, acabam tendo que procurar outros meios como empregos fixos não voltados a arte para conseguirem ter o suficiente para sua subsistência.

É necessário que as pessoas enxerguem que o país necessita de mais recursos em todos os segmentos artísticos, pois são eles que manifestam a riqueza de um povo e tornam cidadãos plenos com caráter desenvolvido e harmonioso.

Numa sociedade em que a divisão do trabalho é fator determinante e as pessoas estão cada vez mais especializadas, a arte seria uma forma de resgatar a totalidade. Totalidade esta, que envolve as várias dimensões do ser humano: afetiva, cognitiva e social, numa relação integradora de emoção e razão, afetividade e cognição, subjetividade e objetividade, conhecimento e sentimento. (FREITAS, 2005)

Para compreenderem o valor e a profundidade da arte basta lembrar que a primeira forma de expressão do homem foi utilizando a arte através de pinturas e

desenhos nas rochas para relatar seu cotidiano. A arte tem o poder de desenvolver o ser humano, pois foi dela que conseguimos ter a capacidade de nos conhecer, construir, criar e expressar.

A arte possibilita o encontro do ser consigo mesmo, de si com os outros, e com a profunda mentalidade humana. Ela é capaz de aumentar a capacidade de observação e de questionar tudo ao seu redor trazendo assim compreensão sobre diversos assuntos que tornam um ser mais completo com maior capacidade de expor sentimentos.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Fábio, LOREDANO, Cássio. A arte da entrevista. São Paulo: Boitempo, 2004

BARBEIRO, Heródoto e DE LIMA, Paulo Rodolfo. Manual de telejornalismo - Os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BARRETTO, Luiz; SEBRAE ; Empreendedor Individual na Economia Criativa. Disponível em:

<http://www.sebraesp.com.br/arquivos_site/biblioteca/guias_cartilhas/empreendedor_individual_economia_criativa.pdf> Acesso em: 17 abr. 2016.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 2. Ed. Prtrópolis; Vozes, 2002.

BRANDÃO, Antonio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. Movimentos Culturais de Juventude. São Paulo: Moderna, 2004, p. 33.

BELEZA DA MARGEM, Coletivo. Documentário Malucos de Estrada II - Cultura de BR. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FkNQzEckvF0>>. Acesso em: 3 fev. 2016.

BELEZA DA MARGEM, Coletivo. Documentário Malucos de Estrada – A Reconfiguração do Movimento Hippie no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BkOgZ__F2HQ>. Acesso em: 3 fev. 2016.

BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARMO, Paulo Sérgio do. Culturas da Rebeldia: a juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

COLAÇO, Ally. Cinema na escola: um ensinar que (me) ensina. Disponível em: <<http://cineducacao.blogspot.com.br/2010/04/video-reportagem-x-documentario.html.2010.>> Acesso em: 28 out. 2014.

CORTÉS, Tania Arce. Subcultura, contracultura, tribus urbanas y culturas juveniles: ¿homogenización o diferenciación?. Revista Argentina de Sociología. Buenos Aires. Ano VI, n. 11, p. 257-271.

COUTINHO, Laura Maria. Audiovisuais: arte, técnica e linguagem. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11_audiovisuais.pdf> Acesso em 24 abr. 2016.

FEIJÓ, Martin Cezar. As portas do céu e do inferno: Inteligência, Criatividade, Contracultura. Facom: Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP, São Paulo, n.24, p.12-25, jul./dez. 2011.

FONSECA, Maria Tereza de Azevedo da. Realização e recepção: um exercício de leitura. São Paulo: Moderna, 1998

FREITAS, Joselaine Borgo Fernandes de. Arte é conhecimento, é construção, é expressão. In: Revista Digital Art&. Ano III, Número 03, Abril de 2005. Disponível em: <<http://revistadigitalart.blogspot.com.br>>. Acesso em: 6 jun. 2016

FRIEDLANDER, Paul. Rock and Roll: uma história social. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Célia Pereira; NECKEL, Nádia Régia. Arte na escola, na Universidade, na Rua: A interface dos cursos de formação em arte e extensão universitária. Extensão em Foco, São Paulo, n.2, p.49-52, jul./dez. 2008.

HAMPE, Barry. Escrevendo um documentário. New York. Disponível em: <<http://lsgasques.blogs.unipar.br/files/2008/05/escrevendo-um-documentario.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2016

HISTORY CHANNEL, Special. Documentário Hippies. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xBQbvtgR5-4>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

HUNTER, Garry. Arte de Rua ao redor do mundo. São Paulo: Madras, 2013.

HUXLEY, Aldous. Regresso Ao Admirável Mundo Novo. São Paulo: Editora Globo, 1998.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura* um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEE, Ang. Filme Taking Woodstock (br: Aconteceu em Woodstock). EUA, 2009. Disponível em: Netflix <<http://www.netflix.com>>. Acesso em 12 fev. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

MELLO, Paulino Cabral de. Audiovisual: Linguagem e Técnica. Rio de Janeiro: Sono-Viso, 1980.

MICHAELIS: Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa. 543. São Paulo: Melhoramentos, 2000. p. 166.

NEWBIGIN, John. A Economia Criativa: Um Guia Introductório. British Council, 2010. Disponível em: <http://creativeconomy.britishcouncil.org/media/uploads/files/Intro_guide_-_Portuguese.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2016.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

OBVIOUS. Disponível em:

<http://obviousmag.org/archives/2012/05/nanook_o_esquimo_um_pioneiro_do_filme_documental.html> Acesso em: 17 abr. 2016.

PAES, Maria Helena Simões. A década de 60. Rebeldia, contestação e repressão política. 4 ed. São Paulo: Atica.

PINHO, José Benedito. Publicidade e vendas na internet: técnicas e estratégias. São Paulo: Summus, 2000.

PUCCHINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário, 2009. Disponível em <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf>

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009 (Coleção Cibercultura).

REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. Cultura, poder, comunicação e imagem: fundamentos da nova empresa. São Paulo: Pioneira, 2002.

ROSEO, Julia. Documentário Do lado de Fora. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=6lgYSraUOFM>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

SANCHES, Tatiana Amendola. Bonitinha e ordinária: a arte de rua em Banksy e outros artistas da atualidade. Facom: Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP, São Paulo, n.24, p.68-78, jul./dez. 2011.

SILVA, Patrick. A Contracultura. Contracultura: O fim do faz de conta, 2013.

Disponível em: <<http://contracultura.org/Contracultura/textos-contraculturais/>>. Acesso em: 27 maio. 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei e Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Ed Contexto, 2006.

SOARES, Igor. A Sociedade Alternativa de Raul Seixas. 2009. Disponível em:

<<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Asociedadealternativaderaulaiseixas.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2016.

SOUZA, Andréia. Evolução da Mídia Audiovisual. Disponível em: <

http://proinfocrtetoledo2010.wikispaces.com/file/view/ativ1dist_andreia_souza_pf.pdf
> Acesso em: 25 fev. 2016

TELLES, André. Geração Digital. São Paulo: Landscape, 2009

VARELLA, Gabriela. Movimento Hippie. São Paulo, 2014. Disponível em:

<http://ofelia.com.br/_arquivos/files/2014/TCCMOVIMENTOHIPPIE%20gabriela%20varella.pdf>. Acesso em 17 abr. 2016.

<p>Toys: Eu andava de Skate, já desenhava... E ai uma coisa me levou a outra.</p> <p>Isabela: E ai de repente quando eu vi eu fui sendo convidada para ser monitora, e dai começaram a me chamar pra dar aula, e apresentação e tal. E aí quando eu vi eu ja tava dentro do circo.</p> <p>Felipe: Acima de tudo o Surf tem um ideal de bem estar, de levar a vida numa boa, de sair um pouco desse padrão que a gente vive.</p> <p>André: Um belo dia eu resolvi arriscar a mudança né? Que era não fazer o que eu nao queria mais e saber o que eu iria fazer...</p> <p>Victor: Desde que eu me entendo por gente eu ja tinha essa aptidao, essa pré disposição pra escrever, pra criar texto e tal.</p> <p>Felipe: O artista quando ta tocando, quando ta no palco de alguma forma interpretando ele passa alguma coisa, e aquilo que ele passa ali é uma verdade</p>	<p>acrobacia aérea</p> <p>Hippie sentado no chão tocando violão e sorrindo</p> <p>Mulher bamboleando e fazendo malabares</p> <p>Close na mão de uma artesã fazendo uma pulseira.</p> <p>Homens fazendo malabarismo</p> <p>(Música Pontes Indestrutíveis vai abaixando gradualmente para o corte que volta aos entrevistados)</p> <p>Legenda: Daniel Toys; artista plástico, grafiteiro.</p> <p>Legenda: Isabela Levi; acrobáta circense; professor de circo</p> <p>Legenda: Felipe Bittencourt; banda Surf Sessions; músico</p> <p>Corta pra imagem do Felipe tocando violão e cantando sentado na grama</p> <p>Legenda: André Baltar; empresa ArteAndo; artesão</p> <p>Legenda: Victor Godoy; banda Rupestre; músico/produtor</p> <p>Corta pra banda surf sessions tocando no Na Praia, em Brasília.</p>
---	---

<p>que o publico vai assimilar.</p> <p>André: A arte na minha vida é tudo né? Eu vivo de arte 365 dias por ano e é com ela que eu pretend vencer na vida né?</p> <p>O grafite me abriu portas pra emprego, pra trabalho, pra amigos, pra viagens, então acho que me resume.</p> <p>Isabela: Respresenta tanto meu alimento em relação ao meu ganha pão quanto o alimento pro meu cérebro, sabe? É o que me diverte, é o que me relaxa, é o que me descança...</p> <p>Fábio: Eu acho que a gente respire arte, a gente só tem dificuldade de compreende-la. Acho que Brasília principalmente tem um deficit muito grande nessa questão de fazer, compreender e incentivar, porque a gente tem muito artista bom aqui, muita gente fazendo acontecer e pouca gente sendo reconhecida e sendo incentivada a continuar fazer acontecer.</p> <p>Victor: Sem a arte eu não seria a mesma pessoa de forma alguma, acho que eu não teria a mesma satisfação na vida não.</p> <p>Felipe: A arte pra mim representa meu sonho, e ao longo da vida a gente vai tentando sustentar esse sonho de várias formas.</p> <p>Toys: É do grafite que eu faço ilustração pra alguma marca, ou que eu pinto algum mural pra uma marca ou pra casa de alguém, ou estampo uma camisa, estampo uma alpargada... Então é do grafite que eu vou para várias possibilidades que eu tiro uma renda</p> <p>Graças a Deus eu to conseguindo viver de arte hoje em dia, mas assim... Eu</p>	<p>(Volta a música do começo)</p> <p>Corta pra André de perfil fazendo um colar</p> <p>Corta para um número de acrobacia aérea na lira feito por Isabela.</p> <p>Corta para Fábio fotografando.</p> <p>Corta para Toys pintando uma parede com Gurulino.</p>
--	--

<p>fico naquele limite né? Entre pagar minhas contas e sobrar alguma coisinha, é complicado.</p> <p>Felipe: Hoje em dia o Surf Sessions levanta a bandeira do autoral. O autoral no Brasil eu arrisco dizer que é muito difícil.</p> <p>Isabela: Durante muitos anos desses 9 anos que eu to dentro do circo, eu só vivi de circo, mas de 1 ano e pouco pra cá eu tive que começar a procurar outras maneiras pra complementar a minha renda porque só o circo nao tava complementando.</p> <p>André: Graças a Deus da pra se viver de arte, depende da sua correria né? Da sua disposição pra produzir...</p> <p>Toys: As vantagens são todas né porque eu vivo disso, eu faço meu horário, eu nao tenho um emprego formal como muita gente tem.</p> <p>Victor: A arte ela é sempre cheia de novidade, nunca é igual. Você nunca vai ter um roteiro diário específico, além de conhecer muita gente talentosa, pessoas de muita sensibilidade...</p> <p>André: A principal vantagem primeiro é trabalhar pra mim mesmo, essa foi a minha primeira busca. E Segundo que a arte é uma terapia.</p> <p>Felipe: Muitas gente maneira, muito conhecimento de vida.</p> <p>Fábio: A gente abre a nossa cabeça, a gente conhece outras pessoas com muito a acrescentar pro nosso trabalho. Acho que viver de arte é isso, é você se sensibilizar, é voce se despir de tudo que voce tem de preconceito e conseguir vestir uma alma, conseguir evoluir como ser.</p> <p>Isabela: As desvantagens são que eu não tenho nenhuma garantia que a</p>	<p>Corta para um número de acrobacia aérea na lira feito por Isabela.</p> <p>Corta pra André fazendo um colar, com enquadramento fechado na sua mão.</p> <p>Corta pra cena do clipe Flores da banda Rupestre em que Victor aparece cantando.</p> <p>Corta pra andré fazendo artesanato.</p>
---	---

<p>maioria das pessoas tem.</p> <p>André: As desvantagens são os poucos espaços. Apesar de sermos livres, essa liberdade está sendo cada vez mais reprimida.</p> <p>Toys: Eu sinto muita dificuldade em questão de organizar porque você é seu chefe, você é um empresário, você é um homem de negócios, você é um artista, você tem que pintar na rua, você meio que tem que fazer tudo</p> <p>Victor: A falta de incentive e a desvalorização do artista.</p> <p>Fábio: A arte em geral ela é complexa de ser trabalhada porque não é todo mundo que vai compreender, não é pra todos, a arte não é para todos... Deveria. Então tem muitas desvantagens de pessoas quererem derrubar o seu trabalho muitas das vezes.</p> <p>Isabela: A arte no Brasil ela é superfula, então uma vez que estamos em crise, a primeira coisa que as pessoas vão fazer é cortar o supérfluo.</p> <p>Victor: A internet que projeta o artista hoje. Primeiro ele bomba nas redes sociais e depois ele vai vender show pro grande público.</p> <p>Felipe: A internet é o nosso principal meio de divulgação, é o nosso principal aliado, não tem jeito...</p> <p>Fábio: A internet é o meio que mais me divulga, que mais tem acesso das pessoas e energias, e acho que é o que aproxima.</p> <p>Isabela: Nossa, como me ajudou a divulgar minhas aulas, a estar sempre em contato com outras pessoas mostrando o que a gente faz</p> <p>André: A internet ajuda muito na</p>	<p>Corta para cena de Toys pintando um muro com Gurulino.</p> <p>Corta para fotos de nu artístico feitas por Fábio.</p> <p>Corta pra cena de Fábio fotografando</p> <p>Corta pra cena de um homem e uma mulher praticando acroyoga em Brasília.</p>
---	---

<p>questão de divulgação, na troca de conhecimentos.</p> <p>Toys: Você pode vender as suas coisas, fechar um negócio, ter uma reunião, vender a sua imagem ne...</p> <p>André: É um dos segredos eu acho da vida assim né? É você fazer o que gosta e conseguir sobreviver disso porque a gente tem que ganhar dinheiro nesse mundo, a não ser que faça uma escolha muito radical.</p> <p>Toys: O principal é o prazer mas quando tem dinheiro fica bom porque tem que pagar as contas né?</p> <p>Isabela: Eu gosto de fazer o que eu faço, me dá muito prazer, mas é o meu ganha pão sabe? Eu vivo disso.</p> <p>Victor: Sem dinheiro você não vive e infelizmente o mundo é assim. Mas eu ganho dinheiro fazendo com muito prazer.</p> <p>Fábio: Por puro prazer, amor, e dinheiro acho que é consequência. Se o trabalho for bem feito o dinheiro vai entrar com certeza.</p> <p>André: Me considero um artista independente.</p> <p>Toys: O grafite mesmo já é um movimento independente... Só precise da vontade de cada um pra fazer acontecer.</p> <p>Felipe: A gente não tem nenhuma produtora, nenhum empresário. Nós somos sócio-investidores.</p> <p>Isabela: Se tem um conselho que eu dou pra você que quer viver de forma alternativa é: não fica quadrado não, busca informação e conhecimento aonde</p>	<p>Corta pra cena das artes de André.</p> <p>Corta pra cena de toys pegando sprays de tinta para pintar uma parede.</p> <p>Corta pra cena de 3 meninas fazendo um número de acrobacia aérea no tecido</p> <p>Corta pra cena de Victor fazendo show no Calaf.</p> <p>Corta para fotos de nu artístico feitas por Fábio.</p> <p>Corta pra cena acelerada de toys pintando um muro com um amigo. (Aumenta o som gradualmente, e logo quando acaba a cena do Toys grafitando abaixa de novo)</p> <p>Corta pra cena de Felipe no estúdio gravando.</p>
---	---

<p> você puder, seja uma verdadeira esponja, absorva conhecimento de tudo quando é lugar porque tudo um dia vai ser útil pra você. </p> <p> Victor: Tenham persistência, foco e tratem isso como uma profissão. </p> <p> Felipe: Não importa aonde você vai chegar, o que importa é o caminho o qual você vai traçar pra chegar nesse lugar. </p> <p> Toys: Porque não coloca o “e se der certo?” na frente. A gente tem que pensar que se der certo vai ser muito bom, e não pensar negativo... </p> <p> Fábio: E trabalhar disseminando amor, nunca bater de frente com alguém que vai discutir com você. </p> <p> André: E respeitar a arte porque sem arte e cultura é tudo muito vazio né? Ta precisando que a galera valorize um pouco mais. </p> <p> Poesia de Victor feita na hora da entrevista sobre tudo que foi conversado. </p> <p> Felipe cantando e tocando a música “Tudo de bom” </p>	<p> (Música vai abaixando gradualmente) </p> <p> Misturando com a cena dele recitando a poesia sobre arte, está a cena dele cantando em um show. </p> <p> Créditos: </p> <p> Documentário “Artistas Independentes de Brasília” Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília. </p> <p> Direção e Roteiro LETÍCIA FRANÇOIS </p> <p> Produção LETÍCIA FRANÇOIS </p> <p> Câmera MELQUIZEDEQUI ALVES </p>
--	---

	<p>RAIMUNDO NONATO DANIEL OLIVEIRA LETÍCIA FRANÇOIS</p> <p>Edição de imagem LETÍCIA FRANÇOIS</p> <p>Pós Produção LEANDRO MOURA LETÍCIA FRANÇOIS</p> <p>Trilha sonora CRIOLO “Samba Sambei” CHARLIE BROWN JR. “Pontes Indestrutíveis”</p> <p>Orientadora FLOR LOPES</p> <p>Personagens ANDRÉ BALTAR DANIEL TOYS FÁBIO SETTI ISABELA LEVI FELIPE BITTENCOURT VICTOR GODOY</p> <p>Agradecimentos FLOR LOPES EDUARDO FRANÇOIS</p>
--	---

ANEXO

LEI DE DIREITOS AUTORAIS

De acordo com o art. 46, incisos I, III e VI, e art. 48, da Lei no. 9.610/1998, referente às limitações aos direitos autorais:

Art 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais: I - a reprodução: (...)

III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

(...)

VI - a representação teatral e a execução musical, quando realizadas no recesso familiar ou, para fins exclusivamente didáticos, nos estabelecimentos de ensino, não havendo em qualquer caso intuito de lucro;

Art. 48. As obras situadas permanentemente em logradouros públicos podem ser representadas livremente, por meio de pinturas, desenhos, fotografias e procedimentos audiovisuais.